



ID: 28162141

28-12-2009

Estudo revela que dentistas relacionam crise c

Quebras de 30% nas receitas dos dentistas crises económicas afectam sa

A grande maioria (93%) dos profissionais de saúde oral inquiridos num estudo recente da Colgate considera que a crise económica tem um impacto negativo sobre os hábitos de higiene oral dos portugueses.

O estudo avalia o efeito da conjuntura económica nos comportamentos de saúde oral da população nacional e foi realizado durante Julho de 2009 junto de 647 profissionais dentários em Portugal.

Para 67% dos inquiridos, o quadro actual pode piorar nos próximos 12 meses, agravando ainda mais os comportamentos de higiene oral em Portugal, que já apresentavam deficiências mesmo antes da crise, e aumentando o número de pessoas com cáries ou problemas gengivais.

De acordo com 60% destes profissionais, os pacientes cancelaram mais consultas dentárias do que no ano anterior e 62% consideraram que este ano o grau de cumprimento dos tratamentos recomendados diminuiu face a 2008.

Apesar da situação económica adversa, 44% dos profissionais questionados entendem que os pacientes preferem tratamentos mais dispendiosos, contra 48% que consideram que a prevenção é a escolha prioritária dos pacientes.

Em Portugal, há uma década que a Colgate e a Sociedade Portuguesa de Estomatologia e Medicina Dentária (SPEMD) promovem rastreios dentários gratuitos à população, no âmbito do Mês da Saúde Oral da Colgate e SPEMD, que se realiza anualmente, em Outubro.

Com esta iniciativa, os promotores contribuem para melhorar os hábitos de saúde oral dos portugueses, conforme reconhecem 94% dos profissionais inquiridos.

Para Carlos Pereira, responsável pelo “Mês da Saúde Oral da Colgate e SPEMD” em Portugal, “este estudo reflecte o efeito da crise económica nos hábitos de saúde oral dos portugueses, que ficam com menos recursos para suportar tratamentos dentários e consultas de estomatologia, e confirma o contributo dos rastreios dentários gratuitos que a Colgate e a SPEMD promovem anualmente na prevenção das doenças da boca”.

Considera que a crise está a afectar as idas ao dentista dos açorianos?

Não tenho dúvidas, até pelo contacto que tenho com os meus colegas enquanto representante da Ordem dos Dentistas, que estes se queixam de uma diminuição do número de doentes nos consultórios. Nota-se que as pessoas vão, agora mais do que nunca, apenas para resolver situações de urgência, enquanto para tratamentos mais diferenciados ou até para consultas de prevenção ou de rotina, as consultas são cada vez mais adiadas. A reabilitação oral – como sejam as próteses, implantes ou correcções – são outra das áreas da saúde oral que os açorianos tendem a



Os resultados do inquérito feito aos dentistas revelou que, 60 por cento dos profissionais afirmam que os pacientes cancelaram mais consultas este ano e 62 por cento dos inquiridos notam diminuição nos tratamentos recomendados. Nos Açores, o responsável da Ordem dos Médicos Dentários, Artur Lima, aponta quebras nas receitas que se situam entre os 20 e os 30%, uma situação que se deve à contenção que os açorianos têm vindo a fazer nas idas ao seu dentista. Em cima da mesa, para este novo mandato de três anos estão a revisão da tabela de reembolsos, a integração destes profissionais nas equipas hospitalares e a introdução do cheque-dentista na Região.

prescindir da sua realização.

Como os médicos dentistas são, na sua grande maioria, profissionais laborais, esta crise está a afectá-los, uma vez que estão sujeitos à disponibilidade financeira dos seus clientes.

E quanto a percentagens, estas quebras situam-se em que valores?

Não sabendo valores ao certo, atrevo-me a apontar para uma redução entre os 20 e os 30%. Estes são valores apontados pela pró-

pria facturação de alguns dos meus colegas até finais de Outubro do corrente ano.

Quantos profissionais médico-dentistas existem na Região?



ID: 28162141

28-12-2009

om agravamento dos hábitos de higiene oral

dentistas revelam que dificuldades húde oral dos açorianos

Somos cerca de cem, dos quais 90 são efectivos e outros 10 vêm aos Açores regularmente realizar algumas consultas e trabalhos pontuais.

Estes cem profissionais preenchem as necessidades açorianas nesta área?

Neste momento preenchem e, posso mesmo dizer que, nos Açores há dentistas de sobra. Temos um dentista para cada 300 a 400 pessoas, o que é manifestamente suficiente para fazer cobertura de toda a população.

E quanto à sua tomada de posse, ainda este mês, como representante da Ordem dos Médicos Dentistas, que medidas espera agora implementar?

Os Açores deram, e é preciso reconhecer, muito por empenho do reeleito Bastonário e restantes órgãos directivos da ordem, um grande salto qualitativo ao nível da Saúde Oral. O Governo Regional foi sensibilizado para a abertura de vagas nos centros de saúde e, neste momento, quase todos têm médicos-dentistas a prestar serviços. Esse foi um grande salto qualitativo ao nível de ganhos na Saúde Oral que se deu e que o Governo dos Açores resolveu apostar, e bem.

Nós somos, neste momento, a única região do país que tem médicos-dentistas nos centros de saúde.

O próximo passo será o da inclusão destes profissionais nos hospitais, o que, incompreensivelmente ainda não acontece, devido a uma enorme força de bloqueio por parte das administrações hospitalares e de alguns profissionais médicos instalados nos Açores. Nós vamos, face a esta situação – e com a vinda do nosso bastonário à Região já no primeiro trimestre de 2010 – sensibilizar o Governo para, também, estarmos na linha da frente do país, relativamente a esta questão que também muito poderá contribuir para a melhoria da Saúde Oral dos açorianos.

Mas desde já acrescento que foi com grande prazer que integrei esta equipa liderada pelo Dr. Orlando Monteiro da Silva, cujo mandato é de três anos, e que será o próximo presidente da Federação Dentária Internacional (FDI), o que, certamente irá contribuir para o reconhecimento do prestígio que a Ordem e o seu bastonário têm a nível internacional.

Será o primeiro português a desempenhar tão distinto cargo, o que me traz mais um motivo de satisfação por integrar esta equipa.

Este bloqueio tem que origens?

Esse bloqueio deve-se, fundamentalmente, por preconceitos e resistências aos médicos dentistas. Os actuais médicos estomatologistas têm, neste momento, o apoio das administrações dos hospitais para realizar esta barreira, situação que a Ordem



lamenta e já denunciou, lembrando que tem de haver, aqui, um trabalho de equipa e a integração de todos num trabalho de criação de verdadeiros serviços de saúde oral, onde cada qual terá as suas competências e ninguém irá atropelar ninguém.

Basta que nos lembremos, há dez anos, qual era a situação da saúde oral nos Açores e quais foram as grandes melhorias e impulsos dados nesta área nos últimos tempos, nomeadamente com a vinda de médicos dentários para cá, bem como com o extraordinário impulso na prestação de cuidados na privada e, ao nível público, nos centros de saúde. Essa é uma realidade incontestável.

Estamos, portanto, convencidos que a inclusão dos médicos dentistas nos hospitais seria um elemento muito positivo nestas equipas, pois, na maior parte dos casos, não

visão da tabela de reembolsos que se encontra a vigorar na região há 22 anos, sem que tenha sido alvo de qualquer revisão durante este período. Uma situação que consideramos incompreensível e para a qual temos de sensibilizar o Governo.

Há pessoas que preferem ir aos serviços privados de dentistas, uma vez que já existem algumas listas de espera nos centros de saúde para a área curativa – uma vez que é mais privilegiada, e bem, a parte preventiva, nomeadamente, a de saúde oral escolar. Mas, para isso, é preciso que as famílias possam recorrer à privada e, para tal, tenham recursos financeiros disponíveis.

Recordo ainda que, em termos de preços constantes, a medicina dentária foi, talvez, a especialidade que não aumentou de preço nestes últimos cinco a seis anos, mantendo-

A actualização da tabela de reembolsos deve ser feita para níveis mais reais, para que as pessoas possam fazer os tratamentos dentários de que necessitam.

Para além do mais, os consultórios dos médicos dentistas são responsáveis pela criação de emprego nos Açores, de uma forma directa, de entre 200 a 250 postos de trabalho, realidade esta que não é, também desprezível e, com tudo o resto, deve ser enquadrado numa perspectiva de melhor acesso ao doente e na melhor rentabilidade do trabalho dos profissionais desta área.

E quanto à introdução do cheque-dentista nos Açores? Esta será ou não, uma mais-valia?

Esta é uma medida que já acontece no continente português e o argumento que se usou para não ser extensível aos Açores foi o da revisão da tabela de reembolsos. Com esta revisão, a indicação que a Ordem teve foi de que esta seria mais favorável nos seus montantes e como tal os açorianos não necessitariam do cheque-dentista.

Agora vamos aguardar pela actualização ou, talvez, por uma combinação das duas medidas a adoptar para os açorianos, porque a medicina privada é, sobretudo, privada nos Açores e a Ordem tem de olhar para estes profissionais que criam emprego, pagam os seus impostos e zelam pela saúde pública. Penso que o Governo deve olhar, de outra maneira, para estes profissionais que descongestionam os serviços públicos e prestam um excelente trabalho à população.

Face aos melhoramentos ao nível da disponibilidade dos médicos-dentistas e da acessibilidade a estes profissionais nos centros de saúde açorianos, a boca dos açorianos está, ou não, de boa saúde?

Tem de se reconhecer que os Açores fizeram grandes progressos ao nível da saúde oral e nota-se, nas faixas mais novas, onde foi possível implementar programas de prevenção e tratamento (até aos 15/16 anos de idade) que há uma enorme evolução desde os últimos rastreios que foram feitos em 2001/2005/2006. Esta situação também se deveu a um grande empenho do Governo açoriano, através da Secretaria Regional da Saúde e de um grupo de médicos dentistas da Comissão Regional de Saúde Oral – na altura liderada pelo coordenador Dr. Ricardo Viveiros Cabral, e da qual também eu fazia parte bem como a Dra. Madalena Montalverne.

Destas faixas etárias é preciso, agora, olhar para as outras e para a população de uma maneira geral e fazer-se um novo grupo de trabalho de Saúde Oral, porque é necessária uma intensa dedicação a estes problemas.

Ana Coelho



há capacidade de resposta quer por parte dos hospitais quer dos profissionais.

Outra vertente na qual queremos insistir e melhorar é a do acesso dos açorianos à medicina dentária privada, o que implicará a re-

o estável no que se cobra ao doente. O que não se compreende é que uma pessoa trate um dente, pague 50 ou 60 euros para tal e depois seja ressarcido de apenas nove euros pelo Serviço Regional de Saúde.

DIFICULDADES ECONÓMICAS AFECTAM SAÚDE ORAL

DENTISTAS COM QUEBRAS DE 30% NAS RECEITAS

Os resultados do inquérito feito aos dentistas revelou que, 60 por cento dos profissionais afirmam que os pacientes cancelaram mais consultas este ano e 62 por cento dos inquiridos notam diminuição nos tratamentos recomendados. Nos

Açores, o responsável da Ordem dos Médicos Dentários, Artur Lima, aponta quebras nas receitas que se situam entre os 20 e os 30%, uma situação que se deve à contenção que os açorianos têm vindo a fazer nas idas ao seu dentista.

Em cima da mesa, para este novo mandato de três anos estão a revisão da tabela de reembolsos, a integração destes profissionais nas equipas hospitalares e a introdução do cheque-dentista na Região.

p.p. 12 e 13

